PREFEITURA MUNICIPAL DO RECIFE

PÔRTO DO RECIFE

POR
MARIO SETTE

PALESTRA PRONUNCIADA NA ESCOLA DE APRENDIZES M A R I N H E I R O S

DIRETORIA DE DOCUMENTAÇÃO E CULTURA

PREFEITURA MUNICIPAL DO RECIFE

Do Bruns

hund

1.1.46

PÔRTO DO RECIFE

POR MARIO SETTE

PALESTRA PRONUNCIADA NA ESCOLA DE APRENDIZES M A R I N H E I R O S

DIRETORIA DE DOCUMENTAÇÃO E CULTURA

Palestra promovida pela Diretoria de Documentação e Cultura na Escola de Aprendizes Marinheiros de Pernambuco a 16 de Agósto de 1945

> Desta edição foram tirados cem exemplares, em papel especial, numerados de um a cem

Fundação Joaquím Nabuco Biblioteca Central 4166144 | 07 /2010

PUBLICAÇÃO DA DIRETORIA DE DOCUMENTAÇÃO E CUL-TURA, COMEMORANDO A PASSAGEM DO DIA 13 DE DEZEM-BRO, DIA DO MARINHEIRO. IMPRENSA OFICIAL, 1945 Na tradicional Escola de Aprendites Marinheiros, que se ergue à sombra da torre Malakoff, resto do amplo edifício que foi o Arsenal de Marinha de Pernambuco, o escritor Mário Sette, pronunciou, no dia 16 de Agôsto deste ano, a convite da Diretoria de Documentação e Cultura, a conferência ora divulgada nesta pequena brochura.

A Escola de Aprendizes Marinheiros não podia, com efeito, escapar ao ambito do programa de divulgação cultural empreendido pela Diretoria. A tradição de trabalho honesto da Escela, a sua fólha de serviço á mocidade, já não de Pernambuco, mas de tódo o nordeste, os conhecimentos que sempre divulgou, pantados, sobretudo, pelo interésse no sentido da formação de homens que possuissem além dos conhecimentos técnicos e profissionais, um lastro moral e civico dos mais solidos, a sua contribuição em favor do prestigio da cidade e do Estado dentro dos largos circulos mavais — tudo indicava a Escola á atenção da Diretoria de Documentação e Cultura, quando esta quiz iniciar o seu programa de conferências, no intuito de favorecer um maior conhecimento de fatos ligados á vida da cidade e dos seus organismos anezos.

A Escola de Aprendizes Marinheiros e as suas centenas de alunos eram inequivocamente, um campo excelente, onde divulgar tais conhecimentos; o Pórto do Recife, por ontro lado, que através de anos tão longos, foi a própria cidade, a ela entrelaçado, com os mesmos problemas e os mesmos interêsses — seria um assunto nitidamente indicado para uma palestra com futuros marinheiros, para muitos dos quais, o pórto fóra, até então, uma paisagem comum, inexpressiva e mudo.

E, confiando a palestra ao escritor Mário Sette, cujos trabalhos mais recentes sugerem um indisfarçavel namóro com o porto, com seu passado pitoresco e os episódios de sua evolução marcada por esforços e sacrificios, a Diretoria de Documentação e Cultura estava certa de que os Aprendizes Marinheiros
iriam ter, através da linguagem sempre leve e colorida do escritor, um apanhado de tôda a evolução do ancoradouro de Pernambuco até os dias atuais, em que passou a ter êste grave
nome de Pôrto do Recife; pôrto com P maiusculo, pôrto cortado de linhas duras, que são as dos seus maquinismos, dos
seus guindastes, dos seus cais, — muito diferente do sonolento
ancoradouro de veleiros portugueses, de barcas e sumacas, duqueles deliciosos navios que vinham de todos os mares descançar
nas águas do Poço ou do Mosqueiro, quando não, ficar ligados
á amarra, caturrando com as vagas do sueste, no desabrigado

Mário Sette conseguiu desenvolar o assunto, fizando os pontos principais, salpicando-o de anedotas que entram no seu trabulho como pitoresco, mas que o autor, com razão, explora habilmente como sintoma característico de certos momentos, de certa maneira de ser da sociedade em determinada época. A' conferência não falta, de resto, um grande poder de sintese, indispensável, sem contestação, num trabalho que, com ser de poucas páginas, pretende condensar a vida múltipla de um organismo tão vasto.

A conferência do escritor Mário Sette foi, com a obsequiosa colaboração da Diretoria de Docas e Obras do Pôrto do Recife, completada por uma excursão a bordo do rebocador 4 de outuro, no pôrto interno e no pôrto externo, que foi navegado num raio de mois de cinco milhas. A excursão pretendia ser uma espécie de ilustração à palestra do escritor, e foi mais do que esso, mercê da colaboração de oficiais, professores e sargentos da Escola, que a transformaram numa aula prática de navegação, onde os aprendizes se revezaram em manobras, observaram o sistema de balizamento do pôrto e compararum antigos aspectos evocados pelo conferenciata com a moderna paisagem portuária, em alguns pontos assaz diferenciada.

Divulgando a conferência do escritor Mário Sette, neste dia 13 de dezembro de 1945, quer a Diretoria de Documentação e Cultura associar-se ás comemorações do Dia do Marinheiro, diu também de José Marques Lisboa, mais conhecido pelo título de Almirante Tamandaré, o heroe de tantas lutas, o patriota extremado, o Nelson brasileiro, no dizer incisivo do Cochrane. O Recife sempre esteve ligado á marinha, ao mar, aos marnhei-

O Recife sempre esteve ligado á marinha, ao mar, aos marnheires. Antigo ancoradouro, cidade portuária, sede de um amplo Arsenal de Marinha, pórto de região, hoje base naval do nordeste,
— sempre os seús interésses se entrelaçaram aos interésses da
Marinha. A sua contribuição á marinha, através dessa antiga
Escola de Aprendizes Marinheiros, tem sido das mais nitidas e
eticientes.

E' por tudo isso que o Recife vê com agrado e alegre emoção a passagem dessa data tão cara aos marinheiros do Brasil. E é por isso, também, que traz sua modesta contribuição, divulgando esta conferência, onde se fala com carinho do pôrto do Recife, dos "menimos do Arsenal", desse entendimento claro e fácil que sempre existiu entre a cidade e a marinha. A Diretoria de Documentação e Cultura não pode bater o ponto final desta aurescatação sem se referir à contribuição tão.

A Diretoria de Documentação e Cultura não pode bater o ponto final desta apresentação sem se referir á contribuição tão esforçada, quão envolvente, dada, eubretudo, pelo senhor capitão de corveta Lauro Freitas, comandante da Escola de Aprendizes Marisheiros, no sentido do methor exito tunto da conferência, como da excursão; á colaboração do professor Didier, do sub oficial Severino Cavalcanti de Albuquerque, do sargento Raimundo Nonato, todos prestimoses e utilissimos no desempenho do programa traçado pela Diretoria. Não pode também deixar de agradecer ás autoridades portuárias pelas facilidades que the dispensaram sobretudo ao senhor engenheiro José Estelita, diretor de Docas e Obras do Pórto. E last but not least ao escritor Mário Sette, sempre pronto em atender — e de modo tão caticante — ás exigências ás vezes quasi importunas da Diretoria de Documentação e Cultura.

Que as páginas seguintes, escritas com tanto carinho e lidas

Que as páginas seguintes, escritas com tanto carinho e lidas com emoção diante de tóda a Escola de Aprendizes Marinheiros concorram para uma maior aproximação e um maior conhecemento entre os marinhiros e a velha cidade e o seu Pôrto, ao qual sempre voltarão, mais tarde, todos esses aprendizes de hoje "com o alvoroço do regresso", porque, como disse o conferencista, o "pôrto de nossa terra é como a porta de nossa casa".

A bem dizer o pórto foi a pia batismal da nossa cidade. Quando Deus sonhou com êste formoso e movimentado núcleo de homens, traçou-lhe os arrecifes defronte, com uma muralha de proteção no mar-alto e zangado. Dalí por diante as ondas, por mais bravias, encontrariam obstáculo rijo e permanente, enquanto o rio poderia se aquietar lá dentro, correndo manso e acolhedor até a foz. Estava criado o nosso ancoradouro.

Quando o fidalgo Duarte Coelho, donatário da Capitania de Pernambuco, veio tomar conta de seu quinhão de terras, achou bonitas e apraziveis as colinas da antiga Marim indígena e deu-lhes o nome sonoro de Olinda, ali levantando seu castelo em forma de torre para morada, govêrno e defesa. Não tardou a se tornar Olinda a vila mais notável do Brasil a nascer para a colonização. Mas, numa lingua de areia, entre águas do rio e dos mangues, surgia um povo, e povo era, então, uma aldeia, um mero povoado com umas dezenas de gente, pescadores muitos, e guardas ou servidores de improvisados telheiros onde se guardavam mercadorias os outros mais. Porque se a vaidosa e opulenta Olinda tomava ares de vila progressista, com seu viver de luxo, com suas festas, com suas cadeirinhas de arruar, com seus engenhos de açúcar, alí, no povoado dos Arrecifes estava o fundeadouro dos navios vindos da Europa, trazendo os produtos da civilização e para lá conduzindo as nossas caixas de açúcar. E, pouco a pouco, essa missão de ancoradouro fôra se transmudando numa importância econômica de tal monta que o aumento lógico de população a acompanhou, surgindo prédios de pedra e cal e até uma igreja para proteção dos habitantes, sob a invocação de São Frei Pedro Gonçalves. E como piratas do mar, tão frequentes na época, e

ousados nos saques e pilhagens, farejassem-nos as costas, le-vantaram-se na bóca da barra dois fortes: o Castelo do Mar, nos arrecifes, e o de São Jorge, em terra, defronte, onde hoje está o templo do mesmo nome que vocês, futuros marinheiros, têm habitualmente perlo dos olhos e sem dúvida dos corações.

têm habitualmente perto dos olhos e sem dúvida dos corações.

O pôrto ia impondo-se em grandeza e préstimo, enquanto criava a cidade. A Ribeira Marinha dos Arrecifes, como lhe chamavam os homens dêsse tempo. Visitavam-no os antigos veleiros de fartas vergas e encruzado cordame, caracterizados pelos marujos de galeras, sumacas, galeotas, brigues, cados pelos marujos de galeras, sumacas, galeotas, brigues, caracteriza, náus, poucas delas de 500 toneladas e a maioria de ravelas, náus, poucas delas de 500 toneladas e a maioria de caracteriza de 300. Com étes, porém, os pilotos lusitanos da Escola de Sagres haviam devassado os mares e povoado as praias desconhecidas, sem se temer das ameaças de calmarias eternas, de vagalhões instransponiveis, de inclemências de climas ou de armadilhas de raças extranhas; tampouco das lendas dos drade vagalhões instransponíveis, de inclemências de climas ou de agoacia de raças extranhas; tampouco das lendas dos drasagoes, dos abismos, das sercias. Meteram-se de oceanos a dentro e revelaram novos mundos aos mundos já existentes e como não se ignora nessas novas terras estava também o Brasil

Brasil.

A cobiça estrangeira, quando o Recife já era um povo apetecivel à conquista, trouxe até aqui a armada holandesa de Lonck e as tropas de desembarque de Waenderburck. Setenta navios de grande porte e de agressivos canhões. Aparecendonos diante do pôrto, pensaram logo em transpó-lo vitoriosos. Talvez só com a intimidação. Mas, as peças do Castelo do Mar e as de São Jorge cruzaram fogos e impediram a aproximação. Combate rijo. Os holandeses desistem da tomada do Recife pelo mar e vão desembarcar em Páu Amarelo para iniciar por Olinda sua ocupação de Pernambuco, longa de 24 anos e por Olinda sua ocupação de Pernambuco, longa de 24 anos e via desembarcar em Páu Amarelo para iniciar de nem por tanto haver durado, impedira as decisões glorios de Nossos antepassados em Tabocas e Guararapes, nua virianção daquele sábio e oportuno conceito de Evaristo de Veiga; "Nada há mais insuportável do que o jugo estrangeiro". E eu lhes digo, mens jovens patricios, que para expulsar ésse jugo não se deve morrer sómente uma vez, mas vale a pena morrer cem vezes. Foi assim o pôrto do Recife que deu o primeiro exemplo dessa longa e cruenta reação de quase

duas décadas e meia, pelos baluartes comandados por Antô-nio de Lima e Manuel Pacheco.

Façamos, porém, justiça histórica em reconhecer terem sido os flamengos proporcionadores, durante sua estada em Pernambuco, de maior interêsse por esse ancoradouro traçado pela natureza, de algum modo melhorando-o e preferindo a

pela natureza, de algum modo melhorando-o e preferindo a fixação de sua sede de govérno e de seu centro de atividades no povoado nascido à margem do mar, ao invês das colinas de Olinda. Nassau não sómente daria êsse aprêço, também, ao Recife, porém plantaria outra cidade, vizinha e articulada por uma ponte, a Cidade Mauricia hoje, simplesmente, o nosso bairro de Santo Antônio. A ambas o pôrto servia e defendia. Quando os flamengos se fôram, derrotados, tangidos pela nossa bravura e nossa afirmativa de nativismo, o Recife, meré de seu ancoradouro, não mais se deixaria suplantar pela antiga Marim. Ao contrârio, impôr-se-ia a uma superioridade que viria afinal se traduzir nos títulos de vila, de cidade e de capital. Tudo por fôrça do pôrto: dêsse singular pôrto tão diferente dos outros do pais, não desenhado por montanhas, não protegido de ilhas, não em cercadura de praias, mas apenas possibilitado por uma faixa mais emersa de récifes, carpicho geológico de séculos remotissimos, muralha alteada como de propósito diante da peninsula para resguardá-la dos como de propósito diante da península para resguardá-la dos golpes ousados das vagas. Era dobrar-se a ponta avançada e extrema do norte, evitando-se os baixios, e estar-se-ia sossega-do e garantido no tranquilo das águas fluviais, depois das lougas e por vezes tormentosas travessias de muitos meses. Ali, lançando o ferro, tratava-se de "abafar o pano", como tão bem o descreve J. C. Regueira Costa no seu excelente estudo pem o descreve J. C. Reguerra Costa no seu excelente estudo Do ancoradouro ao pôrto. De ano a ano mais se enfeitava de velas e de bandeiras ésse abrigo natural. Vinham os barcos de boas ou más intenções, de agradáveis ou perturbadoras noticias. Pavilhões em arco ou em funeral. Quilhas de guerra noticas ratificios en acidade crescia, alastrava-se pelo continen-te, atingia os arrabaldes, enriquecia-se, aformoscava-se, im-punha-se. E tudo como função do pórto.

Agora, dentro déle, já variavam os pontos de ancoragem, porque variassem também os tipos e os calados dos navios.

O Poço ficava logo à entrada da barra; mais para dentro havia o Mosqueiro e, depois dêste, outro fundeadouro para os barcos de menor porte, a arraia midda. Ainda no século XIX, antes das Docas atuais, existiam êsses três sitios preferidos; no Poço ficavam os vapores mais modestos, como os do Loide Brasileiro, e mais para dentro os da Pernambucana que encostavam nos armazêns da Companhía ou os bacalhoéiros, em frente do chamado Trapiche Conceição, vizinhos à Ponte do Recife, antecessora da Mauricio de Nassau. Quem atravessava a ponte tinha um pitoresco aspecto dos veleiros vindos da Terra Nova, carregados do famoso peixe-seco que era, na época, comida de ricos e de pobres, notadamente de pobres pelo seu preço razoável e pela grande quantidade de harricas importadas para consumo do nordeste. O bacalháu tornara-se tão popular que, certa vez, em 1817, quando um juiz de nome Bacalháu se fizera antipatizado no Recife pela maneira impiedosa em condenar todos os comprometidos na revolução nativista daquela época, se deu um episódio humoristico digno de ser lembrado. Achava-se o juiz Bacalháu à varanda da casa quando por ali passara um tipo de rua, muito espírituos O Poço ficava logo à entrada da barra; mais para dentro havia casa quando por alí passara um tipo de rua, muito espirituoso e conhecido na cidade, pondo-se a gritar:

"Minha gente venham ver uma coisa que nunca se viu!"

Começou a juntar o povo curioso e intrigado com a tal coisa nunca vista. Dalí a ponco imenso grupo se reunia no local. F é quando o tipo aponta para a varanda e exclama:

'Olhem um bacalhau com cabeça!"

Por três séculos o nosso pôrto sómente viu agazalhados ás suas muralhas embarcações a vela e elas deram o seu incal-culável préstimo. Para passageiros e para cargas. Gabavam-se os brigues ligeiros e seguros, muitos forrados de cobre, outros de camarinhas confortáveis. Neles vinham da Europa os que buscavam nosso país pelas suas árvores das patacas, e nêles

-- 11 --

já se botavam a passeio ou a negócios, quando não a estudos, quem precisava visitar o Velho Mundo.

Até que, em o dia 8 de Fevereiro de 1839, quando já estavamos sob a Regência, o ancoradouro viu realmente uma coisa nunca visia: um navio a vapor, ou uma barea de vapor como lhe chamavam na época. Era a São Salvador e viera da Bahia, por Maceió, em menos de 4 dias. Um assombro de rapidez. Todo o mundo quis ver como seria um vapor e os olhos se grelaram na beira das praias, diante do barco que além dos mastros, tinha um canudo preto por onde saia fumaça e umas rodas que, diziam, faziam-no navegar mesmo contra o impeto do vento.

Maravilha do tempo! A barca de vapor!

Maravilha do tempo! A barca de vapor!

Outras barcas de vapor foram chegando e passando sem que causassem mais a admiração do começo. Estava-se com elas acostumados, até em se ter cartas e jornais mais recentes. Muitos, nelas já tinham viajado. E apareciam tipos maiores de navios a vapor, mais belos, mais cómodos, mais ligeiros. Desdenhavam-se os antigos veleiros embora se anuaciassem como seguros e rápidos. Até da Europa estavam vindo os grandes paquetes de vapor, movidos a hélice, outra novidade, daqueles admiráveis de 1.000 toneladas, una monstros do mar, consoante se denominavam no espanto dos seus contemporáneos. O desenvolvimento da navegação a vapor tomava uma intensidade digna de reparos: se o pórto do Recife assistira em 1839 à visita do primeiro barco désse gênero, apenas deslocando 300 toneladas, mais ou menos, a 2 de Fevereiro de 1852 um vapor inglês da hoje chamada Mala Real Inglesa, o Teviot, escalava pela primeira vez aqui, trazendo-nos como passageiros, além de muita carga, dois filhos da Inglaterra e um alemão. E êsse navio já era de 1.500 toneladas com 500 eavalos de fórça. O progresso náutico não pararia. Porque ainda nesse século XIX teriamos vapores de 6.000 toneladas, com luz elétrica, com água encanada, com salões luxuosos, com beliches cômdos e até com piano. . Assim eram o Thames, o Oropesa, o Madalena, o Equateur, o Danube, o Cordilmes, o Oropesa, o Madalena, o Equateur, o Danube, o Cordillère, o Orissa, uns ingleses e outros franceses, todos tirando suas 15 a 16 milhas e vindo de Lisboa a Pernambuco em 11 días, quando outróra se gastavam 20.

dias, quando outróra se gastavam 20.

O velho ancoradouro do Recite proporcionava cenas e aspectos variadissimos, hoje de todo desaparecidos. Os grandes vapores, por seu calado, ficavam no ancoradouro externo, o Lamarão, a razoável distância da cidade. Ali o mar estava habitualmente arisco, senão tempestuoso pelas ventanias de inverno. Ir até la, em frágeis botes e baleeiras, constituia um supliclo, um terror, um perigo ás vezes. Senhoras ficavam pálidas e enjoavam, meninos choravam de médo, homens barbados tinham lá seus batidos mais fortes de corações... Passur do bote para a escada do navio, transformava-se num exercicio de acrobacia arriscado e não raro cômico. As ondas lambiam tudo, o escader pinotava, o patamar da escada subia e descia rápido, e o pulo tinha de ser certo, senão o banho também se tornava infalivel. Banho de consequências trágicas para os que não sabiam nadar. Sem falar nos tubarões por ali rondardo... Tomar o vapor no Lamarão só mesmo para gozar as delicias de um passeio a Paris.

Depois, inventou-se para amenizar essas dificuldades e vexames a cesta. Os passageiros iam numa alvarenga arranjada com bancos e, no meio dela, a famosa cesta, um grande balaio provido de espaço para meia duzia de pessoas, parecendo uma cabina do elevador. Essa cesta era suspensa pelo guindaste de bordo, qual se fôra lingada de charque ou de tóncis, e os que iam dentro dela sofriam os arrepios dessa ascenção curio-sa, balançando nos ares, e, subindo ou descendo, até tocar no fundo da alvarenga ou no convés do paquete. Estrangeiros riam-se, tiravam instantâneos, olhavam-nos com superioridade e ironia.

de e rionia.

Sómente as embarcações de menor calado entravam propriamente no ancoradouro interno: eram vapores estrangeiros de carga ou mistos, pequenos, ou os brasileiros do Loide, da Costeira, da Bahiana, da Perambucana. Lançavam ferros no rio, porém ao largo de terra. Próximos aos arrecifes a que se amarravam e defronte, mais ou menos, do cais de desembar-

que que era o da Lingueta, um dos aspectos típicos da cidade que que era o da Linguela, um dos aspectos típicos da cidade do outróra. Alí no cais, com seus sobradões coloniais, suas sombreadoras gameleiras e seus banquinhos de ferro em volta dos troncos das árvores, era o cenário maritimo do Recife. Embarcadiços, marinheiros, estivadores, homens de negócios, familias para chegadas e partidas, vendedores ambulantes, curiosos. Para se ir a bordo fretavase um pequeno bote remado por um ou dois catraciros hábeis no manejo dos remos. As mercadorias desciam dos guindastes de bordo para os bojos fartos das alvarengas e estas puxadas pelos rehocadores iam para os cais da Alfándega, a desembarque e despacho.

para os cais da Alfândega, a desembarque e despacho.

O cenário do pôrto, desde que os vapores começaram a frequentá-lo, não variara muito até as duas primeiras décadas do século que estamos vivendo. Por éle passaram, como hospédes familiares que voivendo. Por éle passaram, como hospédes familiares que voivendo. Por éle passaram, como hospédes familiares que viven de Real, da Pacífico, da Messageries Marítimes, da Lamport, da Chargeurs Reunis, da Hamburg Amerika Line, da Real Italiana, do Loide Brasileiro, da Comércio e Navegação, da Costeira, de tantas outras emprésas maritimas umas com transalânticos de espantosa tonelagem para a época, outras com seus modestos barcos de menos de mil. Os olhos dos que viviam do mar ou por éle se interessavam, não sendo profissionais, distinguiam de longe ésses vapores e eu confesso que desde menino, por uma atração inexplicivel, porventura por um atavismo remoto, era apaixonado por tudo quanto fósse maritimo. Sabia de cor nomes de vapores e, à fórça de vé-los, em viagens, na infância e adolescência, ou em temporadas de praia, distinguia-os pelos tipos, pelos mastros, pelas chaminés, pelas bandeiras.

Barcos que vi menino, ainda pude contemplar, homem feito, na sua missão zelosa e útil de unir terras. Um dêles, — prestemo-lhe a homenagem desta citação — foi o Manáus, do Loide. Lançado ao mar na Inglaterra em 1850, como um dos mais belos e modernos paquetes do tempo, aquí o recehemos com largos elogios de jornais à sua segurança, comodidade, até tuxo. Rápido navio que chegara a ganhar um record de velocidade, ligando o Río ao Recife, com três escalas, em 6 dias: "Aos 12 anos de idade viajei no Manáus. Via-o de quando em

quando passar ou sabia-lhe da passagem pelos anúncios de imprensa. Cresci, criei cabelos brancos, foram-se todos os vapores de minha juventude, substituidos por outros mais potentes e mais preferidos. Sómente o velho Manáus continuava navegar. Forte, veloz, garboso. Um día um Mala Real deulhe um esbarro à bôca do nosso pórto, mas não o abateu. O Manáus prosseguiu na sua faina de marujo valente e robusto. Nessa ocasião publiquei uma crónica a seu respeito e poucos meses depois tive de ir ao Rio. Viajava então no Almirante Jaceguai e perto da Bahia cruzamos com o Manáus: lá ia tle cortando as águas numa carreira digna de aplausos. Era o último de todos os irmãos: o São Salvador, o Olinda, o Maranhão, o Pernambuco, o Brasil que eu também conhecera. E utimo de todos os irmaos: o Sao Saivador, o Unica, o Mara-nhão, o Pernambuco, o Brasil que eu também conhecera. E desapareceu no horizonte. Horas depois, um moço de bordo traz-me um radiograma: abro-o ansioso. Era uma saudação dos tripulantes do Manáus ao seu amigo cronista. Porque não confessar ainda que os meus olhos se encheram de lágri-

Em 1905, novamente, o nosso pórto, com a solidariedade arrebatada de tôda a cidade, alvoroçou-se em alto gráu. Anun-ciarra-se a passagem pelo Recife, a caminho da Europa, onde não fazia muito tempo assombrara o mundo com a dirigibili-

não fazia muito tempo assombrara o mundo com a dirigibilidade dos balões e o invento do mais pesado que o ar, ou seja o aeroplano, do brasileiro Alberto Santos Dumont. Sen nous andava, como se dizia, no galarim da fama e até se usavam chapéus, gravatas e colarinhos a Santos Dumont. Santos Dumont tendo ido ao Rio regressava a Paris para novos triunfos aeronáuticos, no paquete francês da Messageries Maritimes, o Atlantique, um dos tais que ficavam no Lamarão. Era um domingo e anunciado para a tarde, encheu-se a Lingueta e preparou-se o Recife inteiro afim de ver êsse homem que cativara o espaço. Já o cantor Eduardo das Neves afirmava ao violão que, por isto, "a Europa curvara-se ante o Brasil". Os preparativos foram intensos e largos. Uma flotilha de jangadas enfeitadas iria ao alto-mar buscar o vapor e também sairia a barra o pequeno paquete Beberibe, da

- 15 -

Companhia Pernambucana, conduzindo a comissão de recep-ção, músicas, povo. Foi tanta gente a encher essa embarca-ção que ela ficava adernada quando a maioria se aglomerava num só bordo.

num só bordo.

Caíu a tarde, veio a noite e nada do Atlantique. Sómente às 7 hóras fóra avistado. O mar estava rebelde. Ondas de meter medo. O Beberibe jugava à vontade e tinha de aguardar, lá fora, bordejando, várias horas, o paquete da Messageries. Começou o cnjõo e não parou mais. Homens, senhoras e crianças, amarelos, aos engulhos, arriados dos bancos e escotilhas, pedindo para voltar ao pôrto. Que nada! O Beberibe não la fazer feio. Esperava. A banda de música não tocou uma peça siquer, porque os músicos se mostravam ocupados em lançar carga ao mar...

carga ao mar...

Afinal o Atlantique surge e aucora. Santos Dumont desembarca às pressas. A multidão arroja de lal geito para vê-lo que o Pai da Aviação teve medo... da gente. Protegeram-no, quase o esconderam. E na verdade raros os que o viram.

O pessoal do Beberibe é que não quis mais saber de graças: foi pueza e coma

Ainda hoje existe, louvado Deus, a torre do antigo Arsenal de Marinha de Pernambuco que tão vulsoos serviços prestara. Fóra o Arsenal criado por uma carta régia de 1798 e ao lado déle construira-se uma carreira de construção naval cuja alpendrada de zinco constituia um outro aspecto tipico de nosso pôrto de dantes. Nos estaleiros recifenses umitas embarcações pequenas tiveram suas quilhas batidas: escaleres, lanchas, barcas de escavação. Também ali receberam reparaos importantes navios estrangeiros, aqui entrados ou arribados, para curarem-se de colisões, temporais, desarranjos na mastreação ou em mâquinas. Mas, não se limitou a essa atividade a nossa carreira naval. Navios de longo curso também fóram nela construidos; o Esperança de Beberibe, em 1837, que veio a servir sob o comando do futuro Tamandará contra os balaíos. O brigue escuna Guararapes, em 1839, que do mesmo modo ajudou a combater os revoltosos da época da Regência; o brigue Capibaribe, caido ao mar em 1840. O brigue esc

cuna Olinda, em 1843. O brigue barca Hamaraca, em 1835. E mais um segundo Capibaribe, um Rio Formoso, um segundo patacho Guararapes, ainda, um patacho Pirapama em 1884 e por fim um brigue de instrução Recife, em 1888.

pasis um segundo Capinario, um patacho Pirapama em 1884 e por fim um brigue de instrução Recife, em 1888.

Quando essas embarcações catam das carreiras ao rio, havia festas esplêndidas no pôrto. Todos os navios se embandeiravam em arco. As músicas militares vinham ás ruas. Armavams e palanques no pátio do Arsenal, Rodavam carruagens trazendo o presidente da provincia, o comandante do pôrto, o inspetor da Mfândega, o prático-môr, o bispo, uma porção de autoridades civis, militares, navais. A madrinha do barco a ser lançado ao mar estava também presente e era quase sempre uma viscondessa ou baronesa do tempo. Faziasea a bênção do navio, soltavam-se as amarras, entre vivas e foguetes, e o cesco deslizava pela carreira cheia de festões e gaihardetes, até beliar as águas do Capibaribe.

Com o patacho Pirapama se deu um episódio a principio tomado até por sobrenatural, porém de todo explicado, depois. Foi assim; o cruzador Medusa, aqui estacionado, recebera ordens para ir levar provisões de bôca e material de urgência aos operários do Arsenal, que se achavam levantando um farol no arquipédago de Fernando de Noronha.

O Medusa era um navio a vela e zarpara sem demora para seu destino, depois de ter recebido a carga que deveria transportar. Deixando o pórto do Recife viajara vários dias sem que se soubesse nada de anormal a seu respeito. Mas, um diachega a noticia desuortenante de que o Medusa fora bater na Ceará e... não encontrara o arquipélago de Fernando.

Pelo menos fóra isto que a imprensa publicara com certo ar de espanto, de escândado ou de oposição.

Espalhou-se logo que uma convulsão vulcânica levara as ilhas todas para o fundo do mar, como a Atlântida. Mandase então o Pirapama, também a vela, para cumprir a missão do Medusa. E éste também vai ter a Fortaleza, sem haver conseguido avistar Fernando. Creceu o espanto, o bosto e a opinião dos entendidos. Cada um que emitisse sua crítica e seu motejo. As autoridades navais, entretanto, prevendo o que

acontecera, decidiram enviar desta vez um barco a vapor o Mundaú, da Pernambucana. 36 horas mais e o Mundaú estava em Fernando de Noronha. Tudo explicado:

> "Ao sairem do Recife, em determinadas épocas, os nayios a véla se não apanham logo a ilha de Fernando de primeira navegação, e a barlavento, depois de sotaventeados, não a apanham mais e lá se vão por sotaventeados, não a apanham mais e lá se vão por sotavente existe a rapida de la complexión d tavento arribar quase sempre ao Ceará'

Os que se mostram entendidos em tudo de que nada sabem, ficaram murchos com a razão técnica, como sempre acontece.

ficaram murchos com a razão técnica, como sempre acontece.

Se fóssemos recordar todos os pedacinhos curiosos da vida de nosso pórto ficariamos aqui por muito tempo, tantos éles se oferecem de público, no colidiano de outróra.

Porque não aludirmos, fodavia, áquele día 1.º de Fevereiro de 1822, em que se acendeu pela primeira noite o farol do Recife montado sóbre os arrecifes? Ele ficava tão bonito ali, com sua torre alva e com seus lampejos vermelho-brancos? Era uma das caracteristicas fisionómicas de nosso pórto que razões de ordem técnica destruiram, mas motivos de tradições visuais lamentam haja sido destruido, Outro aspecto tipico era a Casa de Banhos, trapada nos arrecifes, com sua feição de navio sem mastros nem chaminês, com suas janelinhas de beliche e seus terraços lembrando tombadilhos. Gasa de Banhos a atrair tanta gente para o mergulho mas suas piscinas salutares e para repouso nos seus miradouros magnificos, tendo de um lado o oceano e de outro o rio e a cidade. A Casa de Banhos ali viveu quase um século e teve sua grande fama. Quem vinha pelo mar avistava-a como uma curiosissima construção que parecia protegerse em cima da muralha, dos golpes afoites das vagas. Um incêndio, por volta de 1920, destruiu-a em poucos minulos.

Também o Castelo do Mar, ou o forte do Picão, a trisecular fortaleza que defendera Pernambuco do assalto inicial dos flamengos, seria derrubado por exigências das obras do pórto e ainda hoje restam dele ruinas. Nos derradeiros anos presta-

va-se a posto fiscal da Alfàndega e ali, não raro, passageiros suspeitos, revistados, fôram surpreendidos em conduzir contra-bandos, até uma vara de juiz de irmandade...

Um caso interessante e falado já nos últimos anos do século passado, foi o do vapor francês Santa Fé. Ele sofrera no nosso ancoradouro um princípio de inteêndio. As chamas subiam violentas e a ferrorizadoras. Alarma-se a população, Veio gente aos cais ver o fogo do Santa Fé. Acudiram hombas. Acorreram os meninos do Arsenal. Todos combateram o incéndio e conseguiram vencé-lo. Mas queimara-se muita mercadoria ou ficara estragada pelas águas. Os salvados fóram expostos à venda, com abatimentos, dias depois, e era um chamariz comprar coisas do Santa Fé. mais barratas, muito mais baratas. Verdadeiras pechinchas. As lojas anunciavam fazendas, chales, enfeites, miudezas do Santa Fé. E na cidade o me do vapor se tornou lão popular que se prestava para brincadeiras. Ao se ver algum janota de roupa nova em folha, perguntava-se-lhe em gracejo:

. Esta fatiota é do Santa Fé?!

Falei nos meninos do Arsenal e preciso dar uma explicação. O Recife tinha então dois Arsenais; o de Guerra, oude hoje está o Grande Hotel, e o da Marinha, ali perlo da Torre do Malakoff. Ambos possuiam aprendizes. Os da Marinha fóram os seus irmãos, meus caros futuros marinheiros. Os seus irmãos que se chamavam na monarquía os imperiais marinhéiros e que deram ao Brasil os homens para sua esquadra, para suas glórias maritimas. Com seus gorros, suas blusas, suas golas, êles sabiam honrar os ensinamentos recebidos na Escola, prestando na paz e na guerra sua colaboração em construir a Pátria de hoje.

Aprendizes de Pernambuco fóram muitos a tripularem os navios que combateram nos rios Paraná e Paraguai, nas lutas contra os caudilhos de que Solano Lopes fóra o tipo mais representativo na violência, na ambição, na falta de escripulos e na perfidia dos atos. Da geração de Marcilio Dias partiram

também daqui muitos outros imperiais marinheiros para os convéses da Parnaiba, da Alagóas, da Jequitinhonha, do Bahia, da Amazonas... É éles continuariam a partir para o Almirante Barroso, para o Benjamin Constant, para o Almirante Saldanha, núcleos de técnica e de civismo, distribuidores de marujos para os barcos de ontem e de agora.

_ 19 _

Outros muitos episódios realmente marcaram a vida de nosso pórto. Um deles verificou-se certa tarde quando dois catraeiros fixeram entre si uma aposta esportiva. Estava tundeado no Lamarão um paquete e os dois homens do mar, ambos ciosos da robustez de seus músculos de remadores e das
condições de rapidez dos seus escaleres, desafiaram-se para
irem ao ancoradouro externo, darem volta no vapor ali aferrado e voltarem sem um minuto de descanço afim de ver-se qual
o que chegava primeiro à rampa de partida na Lingueta. Essa
aposta não ficou sómente no conhecimento dos dois catraeiros.
Houve quem a ouvisse e a noticia se espalhou pelo bairro do
Recife inteiro, interessando principalmente às rodas maritimas. Os corredores fóram mesmo à Capitania e solicitaram
anotassem ali a aposta e lhe dessem um funcionário pará servir de luiz. Atenderam. O que perdesse entregaria ao vencedor 2008 e seu bote.

O povo affui aos cais para assistir ao páreo. Os escaleres Outros muitos episódios realmente marcaram a vida de nos-

dor 2008 e seu bote.

O povo aflui aos cais para assistir ao páreo, Os escaleres afinal partem, transpõem o rio, dobram o farol e metem-se de mar a dentro. De terra todos os acompanham com os olhos. Há gente nos sobrados e mirantes, com binóculos. Tomam partido por um e por outro. Discutem, gritam como se pudessem ser ouvidos de tão longe. Os botes chegam ao vapor, dão volta, e vêm de volta. Um toma frente por poucos metros. O outro quer pegá-lo e já perto da barra pega-o mesmo. Aproxima-se da Lingueta, vence... E a multidão prorrompe em aplausos e vivas.

O pôrto teve uma regata inesperada.

Outro acontecimento de sensação foi a de um certo passa-geiro que ao desembarcar de um dos vapores do Loide Bra-sileiro detxara cair no rio um pequeno volume que trazia. Ao

acontecer êsse desastre declarou o homem muito aflito conter o embrulho um cofrezinho cheio de pedras preciosas, enviado pelo patrão, um joalheiro, a um colega. Centenas de contos de réis. Dá-se o alarma. As autoridades enviam embarcações para fazer sondagens; descem escafandristas. Trabalha-se dias seguidos e nada do cofre. Encontraram no fundo do río muita coisa velha, menos o valioso cofre de brilhantes, rubis, esmeraldas e pérolas... E logo a voz perversa do povo maldou que o cofre fôra engulido por tubarão....

As blagues do nosso pórto... Quantas! Mas, também, os seus dias graves e grandiosos como aquele de 1906 em que Joaquim Nabuco, após uma longa ausiencia de sua terra natal, aqui passou no Clyde, da Mala Real, descendo no Lamarão e vindo rapidamente ao Recife. Esperam-no, no cais do Arsenal autoridades e povo, e entre éles antigos negros libertos em 13 de Maio, agradecidos ao eminente abolicionista. Alí, no cais, um preto ajochia-se e beiga-lhe as mãos. Nabuços é levado em triunfo ao Teatro Santa Isabel onde, falando no palco, afirma: "Aqui nós ganhamos a causa da Abolição".

E os tipos populares e rondarem pelo cáis da Linguelo, anorrosos da vida do pórto, como Pensamento a tocar sua flauta, Lezeira com sua gaita e Budião com seus discursos. Não esqueçamos Garrafus. Um rapaz boémio e sagaz do século XVIII. Filho de um fogueteiro, vivia a pregar pecas e a se entregar a patuscadas. Numa briga perdêva um ólho. E, valendo-se do defeito físico, ao ir ao teatro da cidade, queria pagar a entrada com 50% de abatimento.

Sou cego de um olho, devo pagar metade" — dizia ao

E êste indagava

- "Que tem seu ôlho cégo com o preço dos bilhetes"?
- "E' porque eu só vejo metade do espetáculo".

Um día o pai, de profissão fogueteiro, deu-lhe um patacão de prata para trocar. Garrafus saiu pelas vizinhanças sem achar dinheiro miudo e como gostava muito de ver os navios dirigiu-se até à Lingueta. Ali, encontrou-se com uns rapazes conhecidos que iam embarcar para Lisbôa e o convidaram:

- "Vamos também, Garrafus?"
- resolven o rapaz sem hesitar.

Seguiu para bordo e parliu. Demorou em Portugal, numa porção de aventuras, durante dois anos, sem dar noticias para a familia. Afinal, com outro grupo de amigos, volton. Desembarca e corre para a tenda paterna. Ali entra com a maior naturalidade, como se houvesse saído horas atraz, e entrega o patação ao "velho" dizendo-lhe:

"Não achei trôco, não, meu pai!"

— "Não achei trôco, não, meu pai!"

De quando em quando o antigo pôrto enfeitava-se de vasos de guerra estrangeiros e nacionais. Em 1907 esteve aqui a maior esquadra brasileira que o Reclie já vira. Três divisões, navais. A primeira, do comando do vice almirante Huet Bercelar compunha-se do couraçado Riachuelo, do cruzador Barroso e do cruzador torpedeiro Tamoio. Voltavam da América do Norte onde tinham tomado parte numa grande revista internacional. Por sinal, que, como acentua o se. Alberto Vasconcelos, tinham nossos barcos e nossos marujos despertado o maior entusiásmo nos Estados Unidos, sobretudo admiração pelo garbo e pela dextrera do velho couraçado Riachuelo, lançado ao mar em 1884, que se mantivera firme nas suas 16 milhas de marcha, na sua bela aparência, e até na sua robustez, enfrentando na viagem um terrivel temporal. A segunda divisão, do contra almirante Alves Câmara compunha-se dos couraçados Deodoro e Floriano e do cruzador Tiradentes. A terceira, de instrução do contra almirante Alves Câmara compunha-se dos couraçados Deodoro e Floriano e do cruzador Tiradentes. A terceira, de instrução do contra almirante Alves Câmara compunha-se dos couraçados Deodoro e Storia ma compunha-se dos couraçados Deodoro e Storia en entre compunha-se dos couraçados Deodoro e Storia en entre compunha-se dos couraçados Deodoro e Storia en entre consumente de Margo. Estes navios estiveram em exercícios nas vizinhanças de Fernando de Noronha e realizaram estudos para a constituiran de Alves de Storia de Margo. Estes navios estiveram em exercícios nas vizinhanças de Fernando de Noronha e realizaram estudos para a conse

__ 22 __

frução de uma base naval moderna, alí, organizando-se um plano que infelizmente não foi aproveitado. As três divisões, concentrando-se no pórto do Recife a éle deram um espetáculo surpreendente que os que tiveram a ventura de contemplar aínda hoje muito dêle se recordam.

Cenas também empolgantes do nosso pôrte teriam sido as da chegada dos Imperadores D. Pedro II e D. Teresa Cristina em 22 de Novembro de 1859, quando pela primeira vez até aqui vieram. Frêmitos de júbilo, de euriosidade, de ânsias. Todos queriam ver os Imperadores. A cidade engalanase. O pôrto ornamenta-se de galhardetes, de bandeiras, de festões, das marujas formadas nos convézes, as músicas tocando o hino nacional, os sinos em repiques, as girândolas estalando. E o povo quase todo nos cáis. Os canhões das fortalezas salvavam.

zas salvavam.

E nesse ambiente magnifico os imperadores desembarcaram do vapor Apa e desceram no Cáis do Colégio. Fóra tal aemoção de D. Pedro II diante de nosso pôrto e de nossa cidade que exclamara:

"Pernambuco é um céu aberto!"

Nunca faltaram enséjos de encanto ao nosso pórto. Por éle desfilaram, antigamente, até as lindissimas e locamtes procissões fluviais que se acabaram, infelizmente, como tiveram fin tantas outras tradições brasileiras. Os pescadores tinham suas devoções e traduziam-nas em diversos dias do ano por ésses cortejos religiosos em jangadas, barcaças, simples hotes ou canóas, enfeitadas tódas elas, de hundeirinhas e balões, levando a imagem do seu santo predileto, quase sempre uma Nossa Senhora que, às vezes, se chamava dos Navegantes, outras, da Boa Viagem. E o préstito, ao balanço das maretas, percorria o rio e se afoitava também pelo mar. Ora subia aos arrabaldes, por entre as margens ornadas de árvores, de sitios e de palacetes ou chalés, ora rumava uma praia do sul ou do norte, fósse Candeias, Janga, Conceição, Gaibú... Também se vira cortejo de homens do mar, com seus trajos de oleado, com

- 23 -

seu cheiro de alcatrão e maresia, levando o mastro de uma embarcação em paga de um volo feito nas agonias de uma borrasca e de um iminente naufrágio. Desciam em terra e en-tregavam essa dádiva preciosa de seu barco à Nossa Senhora de uma capelinha ou de uma igreja-matriz

Mas o pórto não é sómente o fundeadouro dos vapores. Dos transatlânticos alterosos, vindos de tão distante ou dos barcos de cabotagem ajudando a soldar a unidade brasileira, tabhando águas de todos os nossos ancoradouros. O pórto é igualmente o recanto dos rebocadores e das barcaças. Embarcações modestas e prestadias. Os rebocadores na sua tarefa de puxar as alvarengas e de prestar socorros, de dia e de noi-te, em mar chão ou levantado. As barcaças ativas e úteis, per-correndo o litoral na permuta de produtos do nosso comercio. correndo o litoral na permuta de produtos do nosso comércio. As noites, sobretudo se eram de luar, déste nosso luar em que a luz parcee escorrer do céu para banhar a terra e as águas, subiam dos tombadilhos das barcaças as canções dos mestres e dos grumetes, enquanto os violões plangiam. Nossas barcaças... Elas se encostam aos cais ou ao largo, sózinhas ou em grupos, se insinuam por entre as embarcações de maior porte, em faina de carga ou descarga, ou em remendo de velas e pintura do costado. Barcaças de nomes saborosos — nomes de mulheres, de santos, de praias ou de barras. De dois, de três, de quatro mastros, barcaças de azul, cinzento ou verde, de quilhas vermelhas, de beliches com janelinhas e de proas cortantes. Ao cair das tardes quase esampe saem de rumo certo, abrindo os panos, de vento de feição ou de bordejos constantes para ganhar alento, amas atrás das outras, com um ar de leveza, quase de vôo...

São as mesmas barcaçus no feitio e no porte que há mais

São as mesmas barcaças no feitio e no porte que há mais de meio século escondiam os negros cativos debaixo dos montes de capim para levá-los às provincias onde já não existia a escravidão. Generosas, prestadias, valentes como que a tra-duzir as almas dos que vivem no mar e do mar. Porque a salsugem não tempera apenas os organismos, mas também os corações para os rasgos da bravura, do sacrificio, da glória.

A grande guerra de 1914 a 1918 proporcionou ao velho perto do Recife quadros inéditos na sua vida. Mal se haviam rompido as hostilidades entre os Aliados e a Alemanha, acorreram ao nosso ancoradouro os barcos de bandeira germânica que navegavam por perto de Pernambuco e temiam cair às garras dos cruzadores ingleses. Em menos de três dias encheu-se o pórto de quase trinta vapores alemães e austriacos, sendo alguns de álta tonetagem, muito laxo e belos tipos. Aqui estiveram retidos durante os primeiros anos da Iuta, emprestando ao ancoradouro uma fisionomia particular. Até que, tendo sido o Brasil agredido pelos submarinos germânicos, fomos obrigados a nos considerar em guerra com os tudescos e por isto os navios aqui refugiados fóram por nós ocupados. Uma tarde, as bandeiras da Alemanha desceram dos mastros daqueles vapores e neles subin o nosso pavilhas verde-ouro.

daqueles vapores e neles subiu o nosso pavilhão verde-ouro.

Por essa época já se começara a construir o novo pôrto, o ideal, de longos anos, dos pernambucanos. Desde o tempo da monarquia desejara-se ésse melhoramento que viria permitir a atracação de todos os vapores, por maiores que fóssear. E no entanto nenhum govêrno ainda realizara a obra. Mesmo na República tinhamos promessas e mais nada. Pernambuco sofria no seu progresso com essa fatta de umas docas. Afinal em 1908 o presidente Afonso Pena autoriza as obras e contrata-as. A noticia dêsse ato, windo pelo telégrafo, improvisa uma festa na cidade como raras vezes se há visto igual em tais condições de surpresa. Fecha-se o comércio, saem passeatas, fazem-se discursos, sollam-se foguetes, transitam as músicas militares em dobrados, toca-se o hino nacional, sobem vivas, há abraços e lá até lágrimas de alegria. O pórtol fa-se ter o pôrto do Recife, o sonho de mais de um século. Pernambuco suiria da estagnação de seu desenvolvimento e ganharia o impulso extraordinário nas forças vivas de sua riqueza e do seu progresso. Assim todos o compreendam. E se felicitavam.

Os cafés enchéram-se de freguêses para beher-se até champanha. E houve um entusiasta que recusou a champanha que estava na taça, dizendo com espírito:

— "Hoje só se deve beber vinho... do Pôrto!"

- "Hoje só se deve beher vinho... do Pôrto!"

Contudo, não faltou um pessimista a ironizar:

— "Breve me casarei e espero ainda arranjar um emprêgo nas obras do pôrto... para meus netos".

Felizmente, os derrotistas nunca conseguem triunfar. Eles são eternamente os despeitados, os maldizentes, os ignorantes quando não os doentes e incapazes. Passam... e os pórtos se fazem...

fazem...

As obras do nosso começaram, Construiram-se os cáis de afracação, levantaram-se os armazéns, fixaram-se os guindas-tes, jogaram-se ao mar os blocos de cimento para o quebramar e o mólhe, trabalharam os alcatruzes das dragas, aprofundando o ancoradouro, cuidaram dos trabalhos complementares, e, afinal em 1920, o povo recifense assistiu à maravilha do acostamento do vapor brasileiro São Paulo, Era o primeiro a fazê-to.

do acostamento do vapor brasileiro São Paulo. Era o primeiro a fazê-lo.

Não tardou que os transatlânticos da Mala Real, os gigantes de 15.000 toneladas, como o Arlanza, dessem entrada no ancoradouro interno e atracassem ao cais de 10 metros.

Parecia ainda a muitos uma ilusão... Um Mala Real juntinho de terra, com uma simples prancha para a subida ao sen bordo, quando outrôra havia o suplicio do mar grosso, a distância do Lamarão, os sustos e as tonturas da cesta pendurada ao guindastet... E preciso que os noves, como vocês são, aprendizes, conheçam o que foi o pôrto de 30 anos atras, e comparem-no ao de agora, para que avaliem o esforço dos que, sem desalento, por este último se bateram e dos que o construiram com sua inteligência e sua dedicação. O presender, com suas maravilhas e seus beneficios é o fruto da semendura do passado. Usufruir as vantagens de hoje importa em homenagear o trabalho de ontem. E ha nesse cullo uma porção de heróis anónimos a envolver. Engenheiros e operários, chefes e subordinados, comandantes e marujos. Lembremo-nos, por exemplo, dos humildes servidores do pôrto de antigamente. Daqueles para quem não existia o temor diante das ventanias a zunirem, das vagas a se empolarem, dos aguacei-ros a vergastarem, dos nevociros a lhes cegar os olhos, dor

__ 26

relâmpagos e trovões a causarem arrepios... Nada! Tinha-se que dobrar o farol e navegar até os vapores bem distantes, fundeados bem ionge dos escolhos, para levar e trazer passageiros e cargas. Que importavam as borrascas de inverno? Era preciso ir e ia-se, Retezavam-se os músculos no manejo e no impulso dos remos ou na manutenção de rumo dos lemes. Abriam-se e fechavam-se vélas. Caisse a noite sem estrelas e sem luar, la-se. É nem sempre se voltava.

Não voltara, para exemplo, aquele velho prático da barra, Herculano Pinheiro. Mais de 80 anos de idade e mais de 30 no mar. Levando para fóra navios ou conduzindo-os para dentro do pôrto. Vira embarcações de todos os tamanhos. Os de menos de 1.000 toneladas e os de mais de 10.000. Prático do Loide, tanto dirigira da ponte de comando o Apa de 1860, como o Espírito Santo de 1880, e o belo Ceará, de 100s, uma miniatura do Aragusia, da Maia Real, como se dizãa no tempo. E em agosto de 1910, numa rispida madrugada, tivera de levar para fóra da barra o Babia, gêmeo do Ceará. Vento assoviando, chiuva caindo, mar desmontado. O vapor ultima a faina dos guindastes, suspende a escada, levanta o ferro, apita e move-se. Transpõe a barra e afasta-se de mar a dentro. Distante de terra, para um instante e o velho prático desce para a balecira. Despedidas. Até à volta! Boa viagem! O Bahia seque e a balecira retorna ao pôrto, Abre uma vela. E de súbito uma volta do mar vira a embarcação. O prático ca nas vagas, nada, tenta alcançar o bote, mas fraqueja, debate-se, mergulha, some-se. Inuteis pesquisas. A balecira regressa sem o prático.

São assim os homens do mar e eram-no também os do anti-go pôrto do Recife. No camprimento do dever éles sucumbem na paz como êsse octogenário e na guerra como os que se ba-teram, olhando para o sinal imperativo da fragata Amazonas:

"O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever"

Cumprir o dever — tarefa inalteravel e nobre de tòdas as gerações. Cumpriram-no bem todos os que desde o povoado

da Ribeira Marinha dos Arrecifes até à construção das Docas da atualidade souheram trabathar pela sua pátria e pela sua gente. Quatro séculos de obreiros do dever. O pôrto modernissimo está ai. Do que éle vale lada a nossa cidade que déle recebeu a origem e o nome. Entre o Recife-de 1900 e o de 1945 ha um documento de valia: o Pórto. Quem viveu aqueles tempos e os de agora pode medir as transformações e agradecer ao pórto. Do que éle vale testemunham os seis últimos anos de guerra em que o pórto se tornou um magnifico obreiro da Vitória, desta Vitória, que, por coincidência, no dia de hoje, festejamos com a Pez definitiva da humanidade, Paz honrosa, de justiça, de liberdade, de digaidade do homem, para a qual o Brasil concorreu com suas forças humanas e materiais. Orgulhemo-nos desta participação, meta jovens patricios.

Orgulhem-se vocês, sobretudo, porque são moços e vão encetar a bordo dos navios de guerra a tarefa de marinheiros, marinheiros seguidores de anlepassados que só têm motivos de lustro para suas fardas e contemporâneos dos que, de modo dio expressivo pela bravura e pelo sacrificio, vigiaram as nossas costas e protegeram-nas nestes anos de guerra nos quais o limigo sorrateiramente atacava pelos ares. e-por baixo das águas. Vocês são os substitutos destemerosos dos que, não faz muito tempo, desapareceram com o eruzador Bahia, numa apoteose dolovesa, mas apoteose do dever brasileiro diante da sublime causa da Liberdade Humana.

Daqui a pouco, quando já estiverem nos seus postos, nunca se esqueçam de que partiram para guarnecê-los, do pôrto do Recife.

Dêste ancoradouro que Deus singularmente desenhou e de onde têm partido tantos dos seus filhos para as campanhas

Deste ancoradouro que Deus singularmente desenhou e de onde têm partido tantos dos seus filhos para as campanhas da defesa, da independência, da democracia, ou seja em sinte-se da LIBERDADE.

Déle se fóra um dia aquele marinheiro culto, ousado e no-bre, chamado Vital de Oliveira. Sua pena escreveria um no-tável Roteiro da Costa do Brasil e a sua espada se imortali-zaria no convés do couraçado Silvado, diante de Curtipaiti, onde uma bala paraguaia o dercubaria para sempre. Ele foi em verdade na frase do almirante Dias da Mota: "o peregrino

que, depois de longa viagem, depôs o bordão para descançar e olhando para o Céu, voou a reunir-se a seus companheiros de glória".

Vocês, jovens aprendizes, îrão também partir em breve, sim. Andarão por todos os portos do Brasil, atravessarão oceanos e lançarão ferros em enseadas estrangeiras. Verão países de multiseculares civilizações e regiões ainda primitivas nos seus costumes. Cantar-lhes-ão aos ouvidos idiomas da Europa, da Ásia, da Oceania. Içar-se-ão no mastro de seus navios, em homenagem, pavilhões de impérios e de repúblicas de todos os matizes. Alegrias das jornadas longas que mostram as diversidades, os encantos, e igualmente os defeitos de todos os povos.

E, um dia, vocês terão de tornar ao rincão natal, ao seu primeiro e lembrado ancoradouro do Recife. Experimentarão porventura a sensação emotiva, traduzida por êstes versos do poéta pernambucano Manuel de Carvalho Pais de Andrade, neto do Chefe da Confederação do Equador:

"E voltei... E, ao ver-te de longe, Doce sonho que pensei que sonhava; E inda mal o vapor em que vinha Em teu pôrto feliz ancorava, Venturoso por ver-te — uma prece Santa e pura ao Senhor enviava:"

Futuros marinheiros do Brasil! Vocês voltarão um dia ao pôrto de que hoje estivemos a conversar, nesta tarde festiva, e sentirão, não tenho dúvida, a alegria e o alvorôço do regresso com a tranquilidade do dever cumprido. Porque o pôrto de nossa terra é como a porta de nossa casa.